

dealbar

Diretor: PEDRO CATALLO

A IDÉIA É COMO A GÔTA D'ÁGUA. PODE REFLETIR A IMENSIDADE.

Redação e Administração
Rua Rubino de Oliveira, 85
Correspondência: Caixa Postal 5739
São Paulo
PREÇO NCr\$ 0,20

ANO II NÚMERO 10

SÃO PAULO, DEZEMBRO DE 1967

A falsa e a verdadeira fraternidade Universal

Deveria ter sido um gênio idealista quem se lembrou de dispor que fosse consagrado à Fraternidade Universal o primeiro dia do ano. E, daí, talvez que não. Estamos em crer que houve mais um agudo sarcasmo ao fixar-se dia para confraternizarmos, com licença, porém, para nos malquerermos nos 364 dias seguintes. E porquê a escolha do primeiro de Janeiro para nos darmos fortemente as mãos? Por ser o início do ano? Ora, para nós, homens do Ocidente, trabalhados pela cultura cristã, é, na verdade, a 1º de janeiro que o ano começa. Mas, para o resto do mundo?

Socorramo-nos duma folhinha do ano, dessas que trazem tudo quanto é preciso à humana sabedoria. Lá veremos que o primeiro dia do mês de Pisseri do ano 5685, da era israelita, fica lá para meados de setembro; que o princípio do ano chinês, quer dizer o primeiro dia do primeiro «tchangki do atual «tchang», deve ser pouco depois de 20 de janeiro; que é também lá para setembro que se fixa o dia primeiro do mês de «Moharem do ano 1344 da Hégira; que, se vigorasse aquele curioso calendário que os homens da Revolução Francesa, à falta de cabeças para decepar, inventaram, o primeiro do «Vendémiaire» do ano 159 da República recairia ainda em fins de setembro; que, consoante a contagem do tempo pelo calendário juliano, só a 14 deste mês principiaria o ano.

E, depois destes informes, que vêm em qualquer folhinha do ano, poderíamos ainda averiguar quando começa no Japão o 39º ano do período

do Tai-Xô; o primeiro dia do mês de Tut, dos egípcios; ou o início do ano positivista, segundo Comte. Como isto

não bastasse, precisaríamos de ir à Índia misteriosa, à África escravizada, à quase despovoada Oceania, pergun-

tar às tribos e às religiões, aos brâmanes e aos feiticeiros, quando começa o seu ano. Veríamos então de

quantas mil maneiras diversas o homem denomina e divide o tempo, que o devora, por esse mundo imenso. Veríamos quanto as raças, as religiões, as pátrias, os costumes dividem e inimizam os homens.

Fraternidade Universal! Para que votar-lhe oficialmente um dia, se no âmago dos corações a ânsia de querê-la não habita?! Para quê a hipócrita laicização do «amavos uns aos outros», se, no fundo, somos todos fariseus para o nosso semelhante?! Para quê?

Oh, as irrisórias fórmulas, os sórdidos preconceitos! Festa da Família!... Fraternidade Universal!... Que representa isso no regime de desigualdade econômica em que vivemos?! Como pode o trabalhador bem querer ao que o explora, o escravo ao senhor, o preso ao carcereiro? Como pode haver Fraternidade Universal, se as religiões atacam ódios, para dominar; se os políticos agulam interesses, para vencer? Como podem existir a ternura, onde o ódio e a dor imperam?

Fraternidade Universal!... E a inveja, e o ciúme, e a fome, e a doença? Fraternidade Universal!... Mas há soldados nos quartéis, velando armas para matar... Fraternidade Universal! Mas, nos prostíbulos, homens vendem e homens compram carne de irmãs nossas, à hora, com a bênção do Estado e da Igreja...

Fraternidade Universal!... Ah, sim, ela chegará, um dia. Não essa, de barrete frígido, que uma ridícula convenção nos manda comemorar,

em determinado dia do ano, que não corresponde ao começo do ano de todos os povos, mas a verdadeira Fraternidade Universal. Será quando, sobre a Terra, abençoada pela redenção, não mais existirem oprimidos e opressores, aristocracia e povo, burguesia e proletariado, patrões e operários. Será quando todos, pela aplicação dos verdadeiros princípios duma economia nova, humana e justa, se considerem iguais. Será quando os produtos da terra e do engenho humano forem igualmente repartidos por todos. Será quando a Beleza não for mais religião duns tantos, nem o bem-estar regalia dos poucos. Será quando as mães famintas não se virem mais obrigadas a negar, com lágrimas, os seios vazios aos filhinhos débeis. Será quando o amor deixar de ser aviltante mercadoria, para ser dádiva esplêndida. Será quando as tias dos pontífices, os cetros dos reis, as espadas dos generais e os cofres dos banqueiros forem simples e inúteis objetos de museu.

E essa Fraternidade Universal, que não reinará um dia; mas uma idade, essa Fraternidade Universal, que nem os fundadores de religiões, nem os ditadores, nem os reis, nem os presidentes puderam realizar, essa Fraternidade, que Cristo e Buda, Francisco de Assis e Francisco Ferrer, Bacúline e Durrúti, Kropótkine e Zamenhof sonharam e não puderam ver triunfante, essa Fraternidade, perpétua, plena e verdadeiramente universal — será obra do pensamento e da ação dos obscuros, sacrificados apóstolos e mártires da Idéia Nova.



Fraternidade é união de mãos trabalhando para igualar a humanidade sofredora.

Cinqüenta anos de vã esperança

A Revolução Russa que comemorará 50 anos de existência merecia melhor sorte

A revolução russa, iniciada em fevereiro de 1917, e que se prolongou por vários anos, continua sendo o episódio de maior transcendência social verificado no decurso deste século. A ação revolucionária daquele povo foi de tão grande profundidade que ultrapassou todas as grandes revoluções que historicamente se conhecem. A sua importância foi de tal ordem que chegou a sacudir violentamente os fundamentos básicos de todo o sistema capitalista. Todos os países do mundo, por vários anos, tiveram os seus momentos de pânico, de hesitação e incognita, ante o dilemático desenrolar de uma revolução que foi elaborada, penosamente elaborada durante mais de meio século, por um manancial de homens e mulheres de tão grande abnegação humana que dificilmente se repetirá na história da emancipação dos povos.

Quanta dor, quantos sacrifícios e quantas vidas rolaram para mover as fundas pilstras da fortaleza zarista que pareciam eternas, inconcussas, impenetráveis. Quando se lê o raríssimo livro de Stepanyak: «Rússia Subterrâ-

nea», e «Recordações da Casa dos Mortos» de Dostoyewski, é que se pode avaliar o preço que pagaram os grandes revolucionários russos do século passado, na luta pela libertação daquele povo. Daí a gravidade dos erros e parvariedades dos chefes do partido comunista russo, principalmente Lenine, Trotsky e Stalin, que tendo em suas mãos o destino da humanidade preferiram trair a missão que lhe fora confiada. Traíram as gerações presentes porque a revolução russa estava destinada a mudar o curso da história, estabelecendo uma nova ordem de entrelaçamento humano e dando à vida um novo sentido social. Traíram, também, e covardemente, todo o sacrifício daqueles revolucionários que puzeram suas vidas como degraus na ascensão manumissora que eclodiu em 1917, e da qual os comunistas foram perversos e danosos depositários.

A revolução russa que nos dias de hoje comemora cinqüenta anos de existência, era merecedora de melhor sorte. Merecia um tratamento consentâneo com a aspiração

daquêle povo que havia conseguido destruir todos os arquivos feudais da propriedade privada, abolindo-a. E o padrão moeda, como medida de poderio econômico, também fora suprimido. E precisamente aqui onde reside a profunda significação social daquele feito.

E é disto que os comunistas terão de prestar contas perante a História algum dia, e as novas gerações serão seus juizes. O Princípio de Autoridade embriagou-os. Lenine primeiro e Stalin depois, deram expansão ao megalômano que vivia latente dentro deles. E assim, lambuzados de «Poder», ingurgitados de mando e de autoridade, os «sábios mestres» do socialismo científico preferiram acomodar seus «traseiros» nas imperiais e fofas poltronas do Kremlin a ter que lutar pelo completo definhamento do Estado, como rezam todos os brevíários comunistas. Segundo a Dialética de Marx, a conquista do Poder seria apenas uma etapa transitória da ditadura chamada «proletária», a qual teria, como missão preponde-

rante, o dever de desgastar o Estado, de consumir o Estado até o seu completo desaparecimento e instituir, depois, a sociedade sem classes tão sonhada por todos os bons socialistas. O que aconteceu na Rússia foi completamente o contrário: foi o Estado que desgastou o marxismo, foi o Estado que consumiu e devorou o marxismo reduzindo-o ao simples esqueleto de um partido, sem doutrina e sem filosofia, como qualquer outro partido totalitário e comum.

«Recuar um passo para avançar dois», e, «A liberdade é um prejuízo burguês», foram alguns dos primeiros slogans criados por Lenine para esconder o acendrado amor que sentia pelo Estado Forte, pelo nascente Estado nazi-fascista-comunista que já lhe borbulhava n'alma, e pelo partido único, totalitário, no qual se sentiu confortavelmente bem. Dolorosamente, estes e outros claudicantes slogans de flagrante traição, fabricados em Moscou, foram mecânicamente repetidos em todo o mundo por legiões de «inocentes úteis» e de perversos chefetes de partidos comunistas, sem se importarem

de que estavam servindo de musa inspiradora ao monstro negro que se relambia na Itália. Foi a ditadura comunista de Lenine que inspirou o nascimento do fascismo na Itália, foi ela quem deu maturidade aos sentimentos sórdidos que vejetavam na alma negra de Benito Mussolini.

Assenta-lhes muito mal aos comunistas quando lhes adjudicamos essas responsabilidades. Mas, a história aí está, fria e implacável testemunhando os acontecimentos. Em agosto de 1921, quando os exércitos vermelhos, depois de premeditada traição, assestavam os últimos golpes aos guerrilheiros libertários da Ucrânia, orientados por Nestor Makno, e que eram os únicos que ainda defendiam o verdadeiro espírito daquela revolução, Etenio Mussolini, louco de inveja pela situação de Lenine que já se proclamava ditador, iniciava a sua ridícula «marcha del fasci» sobre Roma. Como Lenine, ele também impôs o partido único; como Lenine, suprimiu violentamente todas as liberdades públicas; como Lenine, se fez ditador; e como Lenine, prendeu, perseguiu e matou. A semelhan-

ça e inequívoca e pasmante: fascismo e comunismo são sinônimos de um mesmo verbo, a mesma essência em diferentes cores. Lamentamos dizer estas coisas num momento em que eles estão sendo vítimas dum processo de perseguição que é largamente usado em todos os países onde os comunistas comandam. Mas os velhos militantes do partido que nos conhecem através das nossas atuações, sabem muito bem que não se trata de uma conclusão de momento, mas sim, de uma posição ideológica, definida, tomada nos primórdios da revolução russa.

Em contrapartida à euforia comunista que festeja o cinqüentenário de uma revolução malograda, «Dealbar» presta a sua modesta homenagem a todos aqueles que, sinceramente, deram suas vidas para que a Rússia fosse o marco inicial da libertação humana, e não o apanágio de uma nova classe de mandões. Da terra fecunda pelo sangue generoso daquele heróico sacrifício, não de brotar as flores da nova revolução.

Pedro Catallo

dealbar

PUBLICAÇÃO MENSAL

Registrado no 1º Ofício de Registro de Títulos e Documentos
Livro B n. 3 sob n. 2.077

EXPEDIENTE

Redação e administração:

Rua Rubino de Oliveira, 85

Correspondência:

Caixa Postal, 5739 — São Paulo

Diretor responsável: PEDRO CATALLO

Composto e impresso nas oficinas da Gráfica Trevo
Rua Garibaldi, 1093 — P. Alegre (RGS)

Os artigos publicados são de responsabilidade de seus autores

O TERCEIRO MUNDO SERÁ MELHOR?

É opinião aceita que a paz entre Estados Unidos e URSS é mantida pelo recíproco terror nuclear. Deve-se admitir outra razão: a consciência de que a guerra é inútil, porque nada há para ser conquistado. Houve tempo em que a terra era a única riqueza, bem que não se podia aumentar sem tirar do patrimônio alheio. A alternativa era simples: a miséria ou a guerra. Hoje, as coisas mudaram. A fonte de riquezas radica-se no cérebro humano, sendo um bem que cada qual possui, virtualmente, por direito de natureza, impossível de ser conquistado, mas que muito interessa o seu desenvolvimento. É uma fortuna de crescimento ilimitado. Se os homens quizessem verdadeiramente e unissem seus esforços para esse fim, a abundância reinaria na terra antes que as crianças de hoje fôssem velhos.

A vitória de Israel não é de origem divina, nem ela marca a superioridade de uma raça. Os israelenses venceram em três dias porque possuem um patrimônio por pessoa dez vezes superior ao dos egípcios, por que são homens provenientes da Europa, levando consigo o equipamento mental que o velho continente gastou mil anos para fabricar. Superioridade que, por sua vez, criou-lhes um direito e um dever. Direito de permanecer sobre a terra que fertilizaram, e dever de repartir o fruto dela colhido, isto é, o conhecimento de técnicas para enriquecer o solo do deserto. Destruindo Israel, os árabes nada mais teriam feito que acrescentar 20.000 quilômetros aos dois milhões que já possuem. Cooperando com Israel, os árabes participariam

do bem que é esse saber, com a possibilidade de ser aumentado pela ajuda mútua.

Os homens são movidos mais pela paixão do que pelo interesse; a paixão extingue-se, enquanto que o interesse permanece. O exemplo das relações franco-alemãs oferece uma prova. A cooperação árabe-israelense é, atualmente, uma utopia, e no entanto sua necessidade está nos fatos.

Se existe o problema do trânsito, é porque os automóveis de hoje circulam nas vias de ontem. O mesmo problema existe em política. Os dirigentes de todas as nações continuam julgando os problemas humanos nos mesmos termos dos barões feudais. Que contraste ver a mesma humanidade capacitada a vãos interplanetários e incapaz de franquear o muro de Berlim! Que paradoxo esse de abrir caminho para a Lua e fechar o golfo de Acaba!...

Os Estados Unidos e a Rússia admitem a coexistência pacífica. Se a rivalidade persiste é porque os dois «grandes» disputam os favores do «terceiro mundo», como se esses povos fossem um bem, quando são na realidade uma carga que pesará in crescendo sobre os ombros de quem a assumam. Suponhamos que a URSS conseguisse a adesão da totalidade do «terceiro mundo» e que o convencesse de recusar, como fazem os árabes, a ajuda do Ocidente. Que faria a URSS com mil milhões de assistidos? A distância entre ela e a América, livre desse fardo, iria aumentando e, enquanto os russos conseguiriam mais votos na ONU, os americanos desembarcariam na Lua. Estranha

Ninguém pode afirmar: "ESTA É MINHA FÉ DEFINITIVA"

Não há convicção que, depois de adiri-la, devas considerá-la irremovível. Ainda que a sua fundamentação na verdade seja para ti a mais firme e completa, nada impede que a removas, a arejes, a retemperes e a compares como novos aspetos da realidade, mostrando a sua fortaleza em novas batalhas, levando-a contigo a explorar terras do pensamento, mares da incredulidade e da dúvida, que ela possa submeter ao seu império, engrandecendo-a: nem que, examinando-a em si mesma, procures tornar mais forte e harmoniosa a conexão das partes que a compõem.

Pois, se é a verdade, não é teu dever aprofundar-te cada vez mais nela, aderindo a ela o quanto mais possível, com mais motivos de convicção e amor? Trabalha, pois, sobre a convicção adquirida: relaciona-a com novas idéias, com novas experiências, com novos desafios da contradição, com novos espetáculos resiste e prevalece, tanto mais provada ficará sua energia. Quantos mais elementos não terá conquistado

e subjugado, ordenando ao seu redor, por sua própria virtude e eficácia, todas as coisas com que a confrontaste? A convicção mais firme será aquela que maior número de idéias contenha e que possa unilas na mais fechada e concorde relação.

Tudo o que vive e evolui, move-se duplamente no sentido de maior complexidade e maior ordem. Se só te preocupa aperfeiçoar a unidade e o bom arranjo de tua convicção, sem somar-lhe elementos de fora que a ampliem e reanimem, cairás no automatismo de uma fé bem disciplinada, mas estreita. Se só procuras aumentar a provisão de idéias de tua mente e não cuidas de distribuí-las em perfeitas normas, cairás na desordem do pensamento

contraditório e tumultuoso. Mas, cada idéia que ganhes para tua mente, se a puzeres em adequada relação com a idéia superior e mestra que ocupa o centro de tuas meditações, será um nó a mais assegurando a firmeza desta, como nova raiz que dela se desprende e se entranha no seio das coisas.

Ainda que soubesses que nunca abandonarás a atual posição de teu espírito, mas que descansarias por toda a vida sobre o que agora julgas a verdade, nem assim deverias abrir mão dos instrumentos da investigação e do juízo, como o operário que dá por terminada sua tarefa. Tua tarefa consistiria, desde então, em aumentar as relações de tua verdade, em adaptá-la ao novo que traz

consigo cada hora, em amestrá-la para a caça do erro, em procurar que ela envolvesse em seus anéis uma completa e acertada concepção do mundo.

Ninguém pode afirmar:

«Esta é minha fé definitiva».

Enquanto mantermos alto o empenho de arejar e exercitar a convicção de nossa mente, se surgir ante nós uma idéia que não só se oponha à nossa convicção, mas que, originando o conflito, fere-a no íntimo de modo que não possamos defendê-la, que nos restará por fazer se não declarar vencida a velha potestade e passar o centro de nosso pensamento à nova idéia, se devemos de proceder com estas idéias de acordo com a viril e cavalheiresca ordenança da razão?...

CENTRO DE ESTUDOS PROF. JOSÉ OITICICA

As atividades do «Centro de Estudos Professor José Oiticica» no decorrer do ano de 1967 se resumem nos seguintes itens: 1º Conferências — realizadas 25 pales-

tras. As que maiores interesses provocaram foram: A Maturidade Mental pela professora Esther Redes; Os Tipos Psicológicos pela professora Emilia Espírito Santo Cardoso; O Que vi nas Kibbutzes por Alzira Conh; A Amazônia que eu Vi pelo estudante Paulo Antônio Pinto; O Oriente Médio e a Crise Mundial por Oussama Souhail; O Pensamento Político de Camus pelo dr. Arnaldo Sant Anna. 2º Leituras — realizadas três sessões de leituras comentadas. Uma sobre o livro em preparo de artigos de José Oiticica por Roberto

das Neves e leituras e comentários do livro de poesias de Leticia Maria. 3º Administração — realizadas até o presente momento 36 reuniões administrativas. Foram efetuados três pique-niques, três reuniões gerais, além de mesas redondas para debates de temas de atualidades. Pela constância e interesse manifestado pelas atividades do Centro destacamos os nomes dos associados dr. Paulo Fernandes (presidente), Diamantino Augusto, Esther de O. Redes, Antônio Costa, Antônio Correia, Fernando Neves, Manoel Ramos.

JEAN COHEN

O Movimento Libertário Estudantil acôrdo Mec-Usaid

Tendo o acôrdo MEC-USAID provocado uma onda de polémicas e debates nos meios estudantis, onde a par de verdades contundentes são disseminadas falsas razões e falases argumentos, o Movimento Libertário Estudantil resolveu fixar posição ante assunto que afeta diretamente os estudantes e indiretamente o povo de modo geral.

Para uma análise concreta seria indispensável dispor da regulamentação do acôrdo na íntegra. Mas isto é totalmente impossível, pois forças indeterminadas impedem sua integral publicação. Valemos do que é dado a conhecer através de informações filtradas pela imprensa e principalmente de uma análise consciente fruto de reuniões e debates sobre o assunto.

O acôrdo MEC-USAID é um instrumento que pretende transplantar o sistema universitário de um país de estrutura social, econômica, psicológica e racial totalmente diferente do Brasil. Consideramos certa a necessidade de uma reformulação geral do ensino. Também é certo, apesar de constrangedor, que não tenhamos técnicos e homens capazes para esta reformulação. Assim sendo é lógico pedir ajuda e experiência a outros países, mas por que justamente aos Estados Unidos, que desde 1957 apresenta o sistema universitário em crise e decadência? Por que não em Paris, Basileia, Leydon, Leipzig, Bolonha, Cambridge que além de apresentarem um passado universitário digno de nota, enfatizam uma cultura do tipo global e humanisticamente determinada.

Os estudantes, diretamente interessados, não foram nem ouvidos nem cheirados sobre o assunto. Os estudantes conscientes não querem de nenhuma forma que as suas costas seja atrelada a canga de uma filosofia totalitária, anti-humana e tecnológica. Cientes da reforma pseudo cultural que tentam implantar através de pressões econômicas, os universitários que constituem os futuros estratos que orientarão a sociedade, não admitem que se ignore a realidade de miséria e degradação de nosso povo, que ora é lugar comum.

A reforma universitária independente de esquemas e países, tem que apresentar quatro pontos básicos:

1º Criação de uma Universidade que atenda as necessidades mínimas do povo.

2º O ensino deverá ser gratuito a fim de possibilitar a ascensão do realmente mais capacitado e não de determinada classe social privilegiada.

3º Liberdade total de filosofia e cátedra, tanto para aluno como para professores.

4º Participação ativa dos estudantes através de assessorias aos postos administrativos.

O exame do pouco que realmente se conhece sobre o acôrdo e principalmente por isso, nos leva as seguintes indagações:

1º Por que havendo bons exemplos de Universidades na Europa fomos importar a experiência de uma Universidade em crise?

2º Por que sendo o acôrdo tão bom não se promovem estudos e debates com a participação dos estudantes?

3º Por que não se divulga o acôrdo na íntegra?

4º Por que o Conselho Federal de Educação se abstém de um esclarecimento positivo?

A resposta a todas estas perguntas é uma só:

Os burocratas, militaristas, totalitários e tecnocratas que detem o poder em todas as partes do mundo, necessitam de seres robotizados para seus desígnios de opressão e manutenção do «status-quo». Sabendo-se que nos países subdesenvolvidos aos estudantes compete, em futuro próximo, a detenção dos pontos-chaves da sociedade, nada melhor do que torná-los inertes, insensíveis, anti-humanos, indiferentes às misérias sociais e ao sofrimento. E isto facilmente será conseguido através de uma Universidade desintegrada, tecnológica e alienante.

Nada de reformas autênticas!

Nada de cultura centrada no ser humano!

Nada de direitos para o povo!

Nada de conquistas sociais e econômicas!

Estes são os seus lemas. E contra a falsa reforma se insurge o Movimento Libertário Estudantil manifestando seu repúdio ao acôrdo fantasma MEC-USAID ao mesmo tempo que conchama os estudantes a exigir:

Divulgação total do acôrdo!

Debates sem o «argumento das borrachadas»!

Diálogo com os estudantes e educadores!

MOVIMENTO LIBERTÁRIO ESTUDANTIL

CONGRESSO DE PROVAS NA ITÁLIA

No dia 2 de julho, reuniu-se em Carrara, Itália, uma centena de jovens Provos, realizando no salão Germinal dos grupos libertários, o Primeiro Congresso Italiano de Provos.

Estavam representadas as seguintes organizações: Gru-

po Betnick «C 13» de Lucca, Mundo Beat de Milão, Grupo Provo de Bolonha, Grupo Provo de Livorno, Grupo Provo «Genova 3», Juventude Nova de Savona, Grupo Libertário de «Resistência a Guerra» de Savona, Cavalheiros do Nada de Roma, Pro-

vos de Firenze, Provos de Milão, Beatnicks de Génova, Beatnicks de Spezia.

O tema central do Congresso foi a unificação do movimento de protesto Beatnick-Provo em um único movimento. Isto foi conseguido em parte. Reconheceu-se a necessidade de uma troca de experiência entre os vários movimentos de protesto.

Encerrando o Congresso foi realizado um desfile pelas ruas de Carrara, sendo transportado um caixão: simbolizando a sociedade que assassina o homem e múltiplos cartazes com frases tais: «Burguês, não ria; porém, olhe e chore», «Espaço Moral para uma Geração de Emergência». A Vossa Vida é uma Morte Contínua. «Mais vale um Beat hoje, do que um soldado amanhã».

Foi atingido o objetivo de promover maior solidariedade entre os vários grupos e foi encontrada uma plataforma comum de ação. Ficou decidido que o grupo de Savoia editará um jornal.

Contribuições recebidas

(continuação)

Panzarini, NCr\$ 20,00; Germinal, NCr\$ 5,00; V. Vettori, NCr\$ 10,00; Venda, NCr\$ 0,80; Virgilio, NCr\$ 20,00; Arrebola, NCr\$ 5,00; Navarro, NCr\$ 1,00; Aiello, NCr\$ 1,00; Ferrua, NCr\$ 5,00; Irmãs Peixe, NCr\$ 10,00; Italchenko, NCr\$ 2,00; Trubillano, NCr\$ 15,00; Doutor, NCr\$ 20,00; J. Valverde, NCr\$ 5,00; G. A. F., NCr\$ 1,00; Gumersindo, NCr\$ 5,00; de Santos: F. L. S., NCr\$ 5,00; Navarro, NCr\$ 1,00; Avulso, NCr\$ 0,20; M. Sanches, NCr\$ 3,00; Castor, NCr\$ 3,00; Anônimo, NCr\$ 2,00; Agostinho, NCr\$ 4,00; José Dias, NCr\$ 20,00; Nito, NCr\$ 10,00; Justo, NCr\$ 2,00; Severo, NCr\$ 2,00; Paco, NCr\$ 1,00; Raya, NCr\$ 1,00; Germinal de Amor, NCr\$ 1,00; Orlando, NCr\$ 1,00 Jaime, NCr\$ 5,00.



Aos quatro ventos

Hoje é meu dia
Ou ao menos creio que hoje é meu dia, senhores,
Porque hoje
Vou-lhes
Pedir uma coisa
Mui formosa,
Formosíssima,
Porém, mui vilipendiada,
E digo mui vilipendiada porque, por inverdade que pareça,
Alardeasteis de porta-estandarte
Sem direito algum, por humano,
Nem sequer a dizer tal palavra.

Por isso, já não digo nem que este é meu dia,
Nem que vos pedirei...
Senão que desde agora, e em nome da verdadeira poesia,
E em nome de todas as verdades ocultas até agora,
Vou-lhes gritar,
E aos quatro ventos,
Forte, forte, forte...

Para os que plantam o trigo em abundância,
Mas o pão lhes escasseia.
Para os que colhem o algodão a toneladas
E uma camisa lhes é muito.
Para os que cultivam seara após seara...
E não sabem dizer o sabor de um cozido.
Para os que constroem arranhando as nuvens
E não têm um teto.

Para os que nascem da terra e crescem na terra e lavram
A terra e semeiam a terra e regam a terra e colhem
Da terra e na terra são proscritos
Em todos os sentidos.
Para os que na terra,
No ar
E no mar
Constroem o progresso mecânico,
Hidráulico,
Guiado,
Teleguiado
E Explosivo
Dos vossos interesses mesquinhos.

Para os que regaram e ainda regam a terra do Vietnam
Com o próprio sangue,
E para os que com o mesmo sangue regam e regaram
A terra dos profetas.
Para e pelos que na Hungria
Cairam com o grito malferido de liberdade na boca,
E para os que com o mesmo grito de justiça cairam
Nessa Mater Dolorosa
Sempre e eterna doce amada do eterno Chopin.
Para e por todos os quixotes caídos no solo ibérico,
E para os que ainda ficam por cair.
Para os que na Sibéria
Ruminam o castigo de seu maldito humanismo...

Para e pelas centenas e centenas de martirizados
Que foram e se tornaram motivo único
De vosso terrível pesadelo
De tantos e tantos anos,
E em cujo umbral dois nomes se estilham:
Hiroshima,
Nagasaki.

Para os negros de Alabama,
Detroit,
Do Harlem
E de Cuba
Também,
— O negro do ébano é por fora,
Por dentro,
Cal
De Moron de la Frontera.

E para todos os seres da terra
Sem que importem as cores da pele
Por quanto fizestes crimosamente
Para que desconhecêssem
A realística vida
Colorida...

E se por todos eles não fôsse em suficiência,
Paz
Para vós também, senhores,
Porque, por mais que o contrário queirais
Fazer
Ver,
Bem que o medo aflora
A vossos rostos já destituídos
De humana expressão humana.

II

E é necessário...
E é preciso que esse povo honesto e simples
Que é o povo russo
Faça uso
De sua querida balalaica
Em ara da Paz,
E que o mesmo sentido imprima
O mesmo povo da formosa América
Em ritmo de jazz

E que a cante o fado,
E que a cante o samba,
E que a cante o tango,
E que se cante... até
Por taranta.

E que já nem se cante em puro canto,
Senão que se grite,
De Este
A Oeste.
De Norte
A Sul,
Forte, forte, forte...
Com a mesma potência vesuviana
Do grito caucasiano,
Com a mesma e tânica airosidade
Do grito numantino.

Isso é o que desejo de vós outros,
De todos os que mal comeis um pedaço de pão
Com séculos de amargura,
Neste que já não é meu dia,
Senão que nosso, nosso, nosso...
E desde agora, em nome da verdadeira poesia...

GERMINAL DE AMOR



livros

TUDO É POSSÍVEL NA ETERNIDADE?

DR. VIVALDO SIMÕES

Comentar o livro do preclaro amigo Dr. Vivaldo Simões é para nós uma tarefa que está muito acima da nossa capacidade, de vez que, se trata de uma obra de cunho profissional, apesar mesmo do caráter francamente popular preferido pelo autor. Todavia, sentimos na obrigação de agradecer de público o envio de um exemplar gentilmente autografado, que já foi lido por nós e que recomendamos a todos os amantes da leitura seleta. A preciosa e erudita apresentação do Prof. Buonaduce, aliada ao tratamento altamente humano dispensado pelo seu criador, fazem deste livro um lazer obrigatório pleno de encantos e proveitosos ensinamentos. O Dr. Vivaldo, armado da argúcia que a profissão lhe confere e a sensibilidade própria das pessoas afeitas ao contínuo contato com os problemas subtis que brotam das profundezas vulcânicas da psique humana, transporta o inadvertido leitor por entre as vielas pedre-

gas da patologia dos sentimentos, sem que este lhe sofra os impactos.

Em suas incursões pelas recônditas paragens freudianas, o autor arranca os segredos recalçados e com a suavidade lírica dos poetas, escarpela as emoções doentias e serve-as, depois, em pratos limpos, por entre as páginas meridianas de bondade e inteligência. Páginas que sorvem-se com sofreguidão e fé porque são torrentes de otimismo que abrem novos horizontes para as almas desalentadas que buscam lenitivos para os males. O capítulo: **O PERIGO DAS FORTES EMOÇÕES**, a despeito da curta dimensão, é uma leitura obrigatória na vertiginosa vida dos nossos dias. Ou melhor dizendo: não é uma leitura, é uma receita intimativa para cada um de nós. Com o seu alto espírito de altruísmo e a bondade imensurável de seu coração, o Dr. Vivaldo destina o fruto da venda dos seus livros para a CASA DOS VELHINHOS DE OSASCO. Parabéns, Doutor.

O CANTO DA TERRA

poemas de

J. G. DE ARAÚJO JORGE

Recebemos, cordialmente autografado pelo autor, um exemplar da 3ª edição aumentada de **O CANTO DA TERRA**, capeado com uma sugestiva concepção artística de Maria Luiza Campelo. É um livro de poesias vibrantes; tôdas banhadas com a ternura ativa da temática social, onde aparecem corajosamente o inconformismo sadio do autor. De suas páginas emana

o verbo quente do artista pensador que cinzela em brônzeas frases os angustiantes problemas de uma época que busca o ensolarado caminho da libertação. Seus poemas abrem-se em múltiplas fagulhas coloridas, onde o idealismo fustigante do poeta toma contornos de sublime rebeldia e **O CANTO DA TERRA** se espalha por entre as tempestades sociais como uma promessa para os que sofrem, um enunciado para os que pensam e uma mensagem para os que lutam.

«A liberdade é meu clarim de guerra, eu sou, no meu viver amplo e sem véus, como os caminhos soltos pela terra! como os pássaros livres pelos céus!

Sinto-a viva em meu sangue, palpitando, seja utopia, seja ideal... — que importa? quero viver por esse ideal lutando! quero morrer, — se essa utopia é morta!»

É assim o verbo lírico e candente de J. G. de Araújo, grande arquiteto da poesia social.

P. Catallo

— UMA MULHER NA PRAÇA —

Por Ansicos

Praça da Bandeira, um dia agôsto de 1967, 4 horas da tarde.

A mulher mal vestida pára no ponto de taxi, e, com voz trêmula pede a um chofer que lhe pague algo para comer. Explica que há três dias não coloca nada na boca. O chofer vendo a penúria e a extrema miséria em que ela se encontra, sente-se compadecido, e faz algo dentro de suas possibilidades. Pouca coisa. Paga-lhe um café.

A mulher se dirige para a praça. Senta-se em um banco, e deposita em seu colo um embrulho. Um embrulho

amarfanhado, mal feito. Recosta-se... e morre...

Morreu!... Chamado o «rabeção» para buscar o corpo, que ficou ali até a noite, o médico a examina. Dá o diagnóstico: não morreu de mal-súbito, não aparentava nenhuma doença que melhor, portava a doença que aflige a humanidade. Ela sofria fome... Ela morreu de fome...

Incrível, na Praça da Bandeira, às 4 horas da tarde, uma mulher morre de fome! Em plena cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, uma mulher morre de fome!

Creio que depois desta notícia, nada mais precisa ser dito. Não se precisa falar das contradições da sociedade.

Não se precisa falar da incapacidade dos governos de resolver estes problemas.

De que adiantam as votações?

De que adianta termos esperança, termos fé, esperarmos que algo de bom provinha daí?

Nada... nada... não adianta nada, absolutamente nada!

A mulher que morreu de fome teve esperança. Teve fé. Teve confiança. Mas não teve oportunidade. Oportunidade de alguma de se salvar. Não podia apelar para nada. A sociedade lhe negava tudo. Não teve a oportunidade

de trabalhar. Não a protegiam em um abrigo. Não teve nada. Ou melhor, ela teve um direito, o direito de morrer. Morrer de fome...

Revoltemo-nos! Não se pode continuar assim! É preciso que todos os homens, de todos os países, de todas as raças, de todos os credos se unam! Se unam em um grande laço fraternal, um laço humano, dê amigos, para que juntos, lutando contra a miséria que se alastra pelo mundo aconteça menos isto...

...que outra mulher não morra de fome!

AGRADECIMENTO AOS SOLDADINHOS VIETCONGS

(Diante de um clichê, nos jornais, mostrando meninos de 10 a 15 anos, armados, em luta contra o invasor norte-americano).

Inédito de J. C. de Araújo Jorge

Do outro lado do mundo morrem por nós.

Tão pouco sabemos de sua terra molhada de seus arrozais amarelos como a pele de sua gente, de suas serras agressivas como baionetas-caladas, de seu povo que antes, cruzava as pernas nos quietos pagodes de bambu, em pacientes peregrinações ao Nirvana.

Agora, o Nirvana cai do céu, de estranhos Pássaros metálicos numa cega postura de ovos de fogo; já não são bonzos, já não podem cruzar as pernas: precisam delas para correr, ninguém sabe para onde, precisam delas para marchar, de qualquer jeito.

Do outro lado do mundo morrem por nós:

soldadinhos amarelos que imprevisivelmente brotaram da terra calcinada, — já nasceram soldados do vento da terra entre gemidos de companheiros, sem ouvir o próprio choro abafado pela metralha.

Soldadinhos de 15 anos morrem por nós soldadinhos que não são de chumbo, nem de brinquedo, soldadinhos que lutam de verdade cuja infância desembocou na tragédia monstruosa que está em toda parte, e a quem ninguém pode fugir sem sair de seu povo.

Não sobressaram livros, não encontraram namoradas, não fizeram planos para o futuro não conhecem a palavra sonho a palavra amor, mas, em compensação manejam canhões anti-tanques, tocaiam armadilhas pelas selvas, e arrastam-se como ofídios, com a lâmina do ódio entre os dentes.

Do outro lado do mundo morrem por nós.

Nem todos nos apercebemos disto.

Sinto isto na carne como um estilhaço de granada encravado, a doer! Não é pois, por acaso, que um poeta Antecipa este agradecimento uma palavra sem importância que não chegará certamente tão longe, — solitária e solidária — mas que um dia talvez possa ser cantada numa hora que virá.

Se não tiver que ser fundida e posta na agulha do fuzil.



triste notícia

Profundamente comovidos devemos registrar o falecimento do nosso velho amigo e companheiro, Antônio Nunes, que deixou de existir no dia 13 de outubro p. p., alguns dias depois de haver sofrido um violento derrame cerebral.

Este doloroso acontecimento nos surpreende bastante porque só viemos a saber da gravidade do seu estado, momentos antes do seu falecimento. Antônio Nunes, que

nos deixa aos 73 anos de idade, foi um anônimo e incansável batalhador da liberdade, que, (segundo depoimento familiar) em pleno delírio da febre imprecava contra o fascismo.

Com a morte dele «Dealbar» perde um grande companheiro, um bom amigo e um assíduo contribuinte.

A seus irmãos, José Manoel e Salvador, à sua esposa e filhos, as nossas mais sentidas condolências.

Faleceu
ANTÔNIO
NUNES

OS NOSSOS ARTISTAS

LABORATÓRIO DE ENSAIO

Os frequentadores mais assíduos do Laboratório de Ensaio, do Centro de Cultura Social, gozaram do privilégio de assistir no dia 27 de outubro p. à apresentação da peça «Zoo History», de Edward Albee, cujos personagens Jerry e Petter foram representados respectivamente por Ibsen Wilde e Odilon de Souza. Trabalho de interpretação de nível profissional no mais elevado sentido, valorizado por debates que se seguiram à apresentação da peça, com a participação dos intérpretes. A direção foi de Ibsen Wilde.

OS GUERREIROS

Finalmente deu-se a estreia da peça «Os Guerreiros», de Kopecky, ainda que em caráter de ensaio, dia 28 de outubro p. p.

Embora ressentindo-se de alguns senões, causados pelos mesmos motivos que determinaram o adiamento da estreia — tais como substituição de atores à última hora e outros de ordem técnica — o espetáculo ao seu final foi calorosamente aplaudido de pé pelo público que superlotava o pequeno teatro de arena do Laboratório. Aplausos provocados principalmente pelo valor do texto, tanto mais sentido pelo público na medida em que os atores melhor transmitiam a vivência dos personagens. Waldyr Kopecky, sendo o autor e o diretor da peça, incumbiu-se do papel principal, do intelectual. Iniciou bastante nervoso, afirmando-se depois, contribuindo para valorizar sua interpretação a afinidade que como autor tem com o personagem. Farias Magalhães, como o homem australiano, bom, com uma interpretação tranquila. Dinah Kruse, como Chila, a secretária, estreado, surpreendeu, demonstrando

talento que promete, dominando com segurança um papel extenso e difícil. Luiz C. La False, como o gerente, outro estreado, que entrou para a peça na semana da apresentação. Demonstrou talento e se deixou transparecer em alguma oportunidade que não tinha domínio completo do texto soube com tranquilidade impressionante valorizar cada palavra, cada

atitude, numa boa criação do personagem. Luiz Coelho Neto, como o vendedor, continua nesta peça se revelando um ator talentoso e tranquilo. Cuberos Neto, como o general. Sua presença imprimiu força ao espetáculo, seja pelo próprio personagem, seja pela interpretação, cujo domínio e segurança contagiou todo o elenco. E Luiz Antônio Lopes com um tra-

balho sóbrio no papel do Bonzo, apesar de entrar na peça nos últimos dias de ensaios, completa o elenco que evidentemente aprimorará o espetáculo em apresentações sucessivas, corrigindo imperfeições em pequenos detalhes que só o observador mais acurado pode notar.

Noutra oportunidade falaremos sobre o texto, que consideramos importante.



Da esquerda para a direita, em cima: Luiz C. La False, Farias Magalhães, Waldyr Kopecky, Luiz Antônio Lopes. Em baixo: Luiz Coelho Neto, Cuberos Neto e Dinah Kruse, o elenco de «OS GUERREIROS».

Autoritarismo

(continuação do número anterior)

Os traços sádicos e masoquistas são provavelmente encontrados em toda a gente. Num dos extremos há indivíduos cuja personalidade toda acha-se dominada por esses traços, e no outro aqueles em quem esses traços não são característicos. Só ao discutir os primeiros é que podemos falar de um caráter sadomasoquista. O termo «caráter» é aqui usado no sentido dinâmico empregado por Freud. Neste sentido, refere-se não apenas à soma total dos padrões de comportamento característicos de uma pessoa, como aos impulsos dominantes que motivam esse comportamento. Desde que Freud presumiu que as forças motivadoras básicas eram sexuais, chegou a conceitos como os de caracteres «oral», «anal» ou «genital». Como não partilhemos dessa suposição, somos obrigados a conceber tipos de caráter diferentes; o conceito dinâmico, contudo, permanece o mesmo. As forças impulsoras não são necessariamente conscientes como tais a uma pessoa que se acha dominada por elas. A pessoa pode estar inteiramente dominada por seus anelos sádicos e conscientemente crer que está motivada por seu sentimento de dever. Pode até não cometer nenhum ato sádico ostensivo, mas suprimir seus impulsos sádicos suficientemente para fazê-lo aparecer como alguém que não seja sádico. Não obstante, uma análise mais cerrada de seu comportamento, suas fantasias, sonhos e gestos mostrará os impulsos sádicos atuando em camadas mais profundas da personalidade dela.

Malgrado o caráter das pessoas em que predominam os impulsos sadomasoquistas possa ser classificado como sadomasoquista, essas pessoas não são forçosamente neuróticas. Depende, em grande parte, das tarefas especiais que as pessoas têm de realizar em sua situação social e de quais são os padrões de sentimentos e comportamento presentes em sua cultura, para se saber se um determinado tipo de estrutura de caráter é «neurótico» ou «normal». Em verdade, o caráter sadomasoquista é representativo de consideráveis parcelas da classe média inferior da Alemanha e de outros países europeus, e é, consoante mostraremos adiante, aquele sobre o qual a ideologia nazista exerceu maior fascínio. Visto o nome «sadomasoquista» estar associado a idéias de perversão e neurose, prefiro falar do caráter sadomasoquista, especialmente quando não se refere à pessoa neurótica mas à normal, como sendo o «caráter autoritário».

Esta terminologia justifica-se porque a pessoa sadomasoquista sempre é assinalada por sua atitude face à autoridade. Ela admira a autoridade e mostra-se inclinada a submeter-se a esta, mas, ao mesmo tempo, deseja ser, ela mesma, uma autoridade e fazer com que os outros se lhe submetam.

Há outra razão para escolher esta denominação. O sistema fascista chama-se a si mesmo de autoritário por causa do papel dominante da autoridade em sua estrutura política e social. Pelo nome «caráter autoritário» subentendemos o que ele representa na estrutura de personalidade que constitui as funções humanas do fascismo.

Antes de prosseguirmos no exame de caráter autoritário, cumpre esclarecer o termo «autoridade». Autoridade não é uma qualidade que uma pessoa «tem», na acepção em que possui qualidade físicas ou bens materiais. A autoridade refere-se a uma relação interpessoal em que uma pessoa vê outra como seu superior. Há, no entanto, uma diferença fundamental entre o tipo de relação de superioridade-inferioridade que pode ser chamada autoridade racional e o que pode ser descrito como autoridade inibidora.

Um exemplo mostrará o que tenho em mente. A relação entre professor e aluno e a entre o dono de escravos e seu escravo baseiam-se, ambas, na superioridade de um sobre o outro. Os interesses do professor e do aluno têm direção coincidente. O professor fica satisfeito se consegue aperfeiçoar o aluno; se não o consegue, o fracasso é dele e de seu aluno. O dono de escravos, pelo contrário, quer explorar o escravo tanto quanto possível; quanto mais tirar dele, tanto mais satisfeito ficará. Ao mesmo tempo, o escravo procura defender ao máximo seus anseios por um mínimo de felicidade. Estes interesses são decididamente antagônicos, pois o que é vantajoso para um prejudica o outro. A superioridade tem uma função diferente nos dois casos: no primeiro, ela é a condição para o auxílio à pessoa sujeita à autoridade; no segundo, é a condição para sua exploração.

A dinâmica da autoridade, nestes dois tipos, é distinta também: quanto mais o aluno aprender, menor será a distância que o separa do professor; ele ficará cada vez mais semelhante ao professor. Por outras palavras, a relação autoritária tende a desaparecer. Porém, quando a superioridade serve de base à exploração, a distância vai-se intensificando em toda sua longa duração.

A situação psicológica é diferente em cada uma destas situações autoritárias. Na primeira prevalecem elementos de amor, admiração ou gratidão; a autoridade é, simultaneamente, um êmulos com quem a pessoa quer identificar seu eu, parcial ou inteiramente. Na segunda situação formar-se-á ressentimento ou hostilidade contra o explorador, pois subordinar-se a ele contraria os interesses próprios da pessoa. Muitas vezes, contudo, como no caso do escravo, este ódio só leva a conflitos que submetem o escravo a sofrimentos sem possibilidade de vitória. Por conseguinte, a tendência será geralmente para reprimir o sentimento de ódio e, às vezes, até mesmo para substituí-lo por um de admiração cega. Esta tem duas funções: 1º, afastar o perigoso e doloroso sentimento de ódio; 2º, amenizar o sentimento de humilhação.

Se a pessoa que manda em mim é tão maravilhosa ou perfeita, eu não devo ter tanta vergonha de obedecer-lhe. Não posso ser seu igual porque ela é muito mais forte, sábia, melhor etc. do que eu. Em consequência, no tipo inibidor de autoridade o elemento, quer de ódio ou de superestímulo ou admiração irracional pela autoridade, tenderá a intensificar-se. No tipo racional de autoridade, ele tenderá a desaparecer na razão direta do grau com que a pessoa submetida à autoridade vá-se tornando mais forte e, por isso, mais semelhante àquela.

(continua no próximo número)

O SOLIDARISMO NA VIDA SOCIAL BRASILEIRA

Em serviços públicos

Entre as organizações de iniciativa particular surgidas livremente, sem a intervenção do Estado incluem-se também atividades que envolvem incumbências do Estado, tanto no âmbito nacional como estadual e municipal, ou, mais positivamente, que se relacionam com os serviços públicos.

Essas agrupações assumem modalidades diversas, não apenas em suas finalidades, mas também em suas estruturas. Uma têm caráter permanente e outras são de existência transitória; umas têm por incumbência estudar os problemas de interesse coletivo e sugerir às instituições devidas medidas a serem postas em prática em benefício de bairros, subúrbios ou cidades, ou, ainda, de logradouros públicos, bem como indicar reparações a fazer e melhoramentos a serem executados em serviços públicos.

Para esses fins as sociedades dos Amigos das Cidades ou de bairros e de subúrbios são agora comuns. Já se trata de constituir a Federação das Sociedades dos Amigos dos Bairros.

Em suas finalidades essas sociedades não incluem intuídos políticos ou religiosos.

Com intuito de existência efetiva, existem, em certas cidades do interior, organizações de Bombeiros Voluntários, que prestam serviços onde não há corpos de bombeiros municipais ou estaduais.

Existem também sociedades dos Amigos das Árvores, cuja finalidade está expressa em sua denominação.

Além dessas organizações de caráter permanente, há as que se formam para atender a certas necessidades emergentes de serviços públicos, como reparação de pontes, abertura ou limpeza de caminhos e estradas, arranjos de logradouros públicos etc.

Nessa obra de cooperação espontânea e livre sem objetivos de remuneração para a execução de serviços é, em muitos casos, usado o mútuo, velho sistema de ajuda mútua, tradicional na vida rural.

Nos entretenimentos proveitosos

Na tecitura do convívio social há atividades que sendo praticadas com objetivos de entretenimentos, passatempo, ou, usando um desses estrangeirismos muito em moda — como «hobby», chegam a tomar feição utilitária.

São essas atividades exercidas não profissionalmente, mas em horas vagas, exigindo preocupações, trabalho e despesas, sem outra compensação senão a satisfação pessoal que proporciona a seus executores.

Entre essas atividades podem ser citadas a numismática e o filatelia, cuja origem vem do tempo de antanho.

Parecendo constituírem preocupações banais, além de entretenimento, servem igualmente de elemento de sociabilidade, com o estabelecimen-

to de relações, que, de pessoas passam a tomar proporções coletivas, não só dentro do País, mas através das fronteiras de todos os quadrantes, concretizando-se em organizações de existência permanente, em cujas atividades incluem a realização de exposições periódicas e de congressos nacionais e de intervenções nos internacionais.

Em São Paulo existe um numeroso e ativo núcleo de filatelistas, muitos dos quais, reúnem-se, aos domingos, numa das praças mais centrais da cidade (Praça da República), para a permuta de selos e troca de impressões a propósito de suas atividades.

Sem que sejam praticadas propriamente com esse objetivo, essas duas modalidades de entretenimento, constituem um veículo de pesquisas de interessantes elementos históricos.

— No campo da floricultura

ra também se desenvolvem atividades praticadas com passatempo («hobbys»), como os cultivadores de rosas de qualidades raras, promovendo exposições.

Há núcleos ativos de cultivadores de flores que se têm ultimamente destacado pela sua atividade — os orquídeófilos, com organização própria, promotora de exposições que constituem mostras encantadoras pela raridade e beleza dos espécimes que exibem.

Ainda recentemente, os orquídeófilos do Brasil participaram da III Conferência Internacional de Orquídeas. Tal o desenvolvimento desta atividade que já existem possibilidades de ganho.

Todas essas atividades são desenvolvidas pela iniciativa particular, sem a intervenção do Estado, que só se apresenta como o «bicho-papão»...

EDGARD LEVENROTH

O HOMEM... UM AUTOMATO?!...

Por ROBERTO COSTA

Máquinas, máquinas, máquinas. Alavancas, engrenagens, porcas e parafusos.

Nas grandes capitais e nos centros industriais modernizados, é atribuída à máquina uma importância cada vez maior. Um cérebro eletrônico, após ser adquirido por alguma empresa ou estabelecimento bancário, vem, de imediato, substituir dezenas, centenas de homens. E o que acarreta com isso? Um problema de desemprego que está se revelando cada vez mais grave. E o homem vai assistindo, perplexo, à uma transformação em que ele, o senhor, o inventor da máquina, torna-se vítima de sua própria inteligência, passando à condição de servo e tornando-se um verdadeiro escravo dos mais variados «caprichos» da máquina.

Toda essa problemática é magistralmente exposta pelo genial Charles Chaplin, em termos de comédia, em seu filme «Tempos Modernos». Naquela situação, seu personagem é um operário de uma grande fábrica, integralmente condicionado, totalmente alienado à sua restrita função na gigantesca empresa. Tudo isso num clima bem engraçado, mas que faz o espectador sair do cinema e pensar no assunto.

É por esse serviço em que o operário se aliena totalmente é que estamos diametralmente contra. A pessoa não se realiza com seu trabalho. Não constrói nada. O homem necessita de um emprego onde ele se sintia satisfeito, onde ele possa criar alguma coisa, ver o fruto do seu trabalho. Nesse trabalho ele vai colocar amor, carinho, dedicação. E o homem do século XX carece dessa sensação de criação. Em seu inconsciente, ele se julga um inútil, um elemento perfeitamente dispensável ou substituível.

Na Idade Média, em vez dessa produção em massa de nossas indústrias atuais, o

que havia era o artesanato. Um homem que trabalhasse, por exemplo, com calçados, fazia um sapato do princípio ao fim. Realizava-se com seu trabalho e sentia-se útil. Hoje, o operário de uma fábrica é apenas uma pequena peça de uma complexa engrenagem. E o que se vê são homens se ocupando 8 horas durante o dia em fazer ranhuras para determinado tipo de roldana. Ou mulheres passando o dia inteiro fazendo «casas» para botões.

Não vai nesse artigo um protesto contra o progresso. Isso seria inconcebível. Pensamos apenas que o proletariado deveria participar um pouco mais das finalidades da empresa em que trabalhasse. Nunca fazer seu serviço como um autômato, sem saber por que e para que.

Alguns psicólogos, inclusive, explicam essa sociedade alienada em que vivemos, através dessa automatização de que somos vítimas.